

Allô Lisboa

Diversos contratempos, em nosso entender, atrasaram a entrada em funcionamento da ligação telefónica entre Lisboa ao Porto, privando as duas maiores cidades portuguesas de um recurso de comunicação durante muitos anos.

Apresentamos algumas razões que motivaram tal atraso, evocando os participantes nos projectos de construção, ensaio e manutenção, nestes primeiros tempos da telefonia, desde os trabalhadores menos diferenciados, cujos nomes não ficaram para a História, passando pelos técnicos especialistas - Bramão, Herrmann, Rysselberghe, Mecânicos/Guarda-fios, Electricistas, Engenheiros, Inspectores e Telefonistas.

O período regenerador e as comunicações

O período *regenerador* havia contemplado o desenvolvimento das comunicações: caminhos-de-ferro, estradas, Mala-Posta e telegrafia eléctrica. Já a telefonia, por ter sido inventada e produzida findo este período (Serrão, Joel, 1981), não logrou uma introdução rápida pelo território nacional.

Após o invento do telefone, Portugal não tarda a adoptá-lo e mesmo em melhorá-lo com inovações, aliás, registadas em patentes (CTT/TLP, 1979). Contudo, foi necessário esperar pelo ano de 1904 para que as duas primeiras redes oficiais de Lisboa e do Porto comunicassem entre si.

A influência da telegrafia sobre a telefonia fez-se sentir a vários níveis: como um conceito obstáculo, numa primeira fase, tendo em conta os poderes públicos que em primeiro lugar utilizavam o telégrafo. Ora, estes poderes públicos estavam relativamente bem servidos com um sistema de comunicação à distância por via telegráfica.

O Telefone era um meio mais directo, mais intimista e menos formal, mais adaptado, por isso, à sociedade civil, em geral. Estas valências

havam de se divulgar, de modo a criar-se uma nova necessidade - falar/comunicar à distância. Mas numa segunda instância, já com o dobrar do século XIX para o XX, o serviço telegráfico passa também a servir e apoiar o telefone:

«São applicaveis ao pessoal e serviço [telefónico] das estações terminaes do Estado as disposições das leis, regulamentos e instruções em uso nos serviços telegraphicos do Estado; Compete á Inspeccão Geral dos Telegraphos e Industrias Electricas a elaboração das instruções technicas necessarias para o desempenho dos serviços [telefónicos]»¹.

Iniciado o século XX, começa a ser mais evidente uma atitude de mudança na sociedade, a par de uma Imprensa mais visível, que usa e divulga as telecomunicações. Apresentamos como exemplo um anúncio em grande plano, publicado no jornal «O Século» de 16 de Abril de 1904 (após escassos cinco dias da inauguração da linha Lisboa - Porto) em que é incluída uma imagem de um cavalheiro e de uma dama ao telefone, ambos com traje vistoso, insinuante mesmo, ao estilo burguês da época². Vários fios eléctricos unem os dois interlocutores, que seguram dois microfones clássicos com *design* gracioso de punho. Uma grande legenda, entre os dois interlocutores, começa assim:

«Está lá?

Estou.

Recebeste?

Recebi.

Olha Mathilde o nosso encontro no Chiado não póde têr logar hoje. Porquê?

Porque hoje não se póde la passar [...].»

O diálogo do anúncio continua em termos de publicidade de uma nova e moderna retrosaria com imagem associada ao também novíssimo telefone. Vai-se criando a apetência por uma nova



As primeiras experiências

A primeira fase de experiências com vista à ligação telefónica de Lisboa ao Porto teve lugar em 1879, em plena época precursora da telefonia. Em relação à inauguração oficial, perfaz 25 anos de amadurecimento de um projecto, quando a telefonia a nível mundial ainda dava os primeiros passos.

As primeiras experiências e ensaios foram feitos com o telefone inovador da autoria de Cristiano Augusto Bramão e de Maximiliano Augusto Herrmann. Segundo a documentação coeva e alguns estudos posteriores, este telefone era perfeitamente precoce para a época. Tão precoce, que alguns dos seus atributos só muito mais tarde foram retomados na indústria da telefonia.

Segundo investigação documental e análise da própria peça, os atributos do telefone de Cristiano Bramão, são os seguintes:

- 1 - *Design* do microfone e auscultador numa só peça;
- 2 - Formato reduzido em relação às valências funcionais;
- 3 - Capacidade técnica de modo a permitir «fonoconferência» em «alta voz»;
- 4 - Comodidade de utilização (transmissão e audição) com facilidade para fazer anotações durante a comunicação;

- 5 - Possibilidade de afinação e regulação fáceis;
- 6 - Capacidade auditiva e transmissiva de e para longas distâncias;
- 7 - Dupla funcionalidade, isto é, capacidade para servir como telefone ou como telégrafo em código morse.

Segundo as próprias palavras do autor, Cristiano Bramão, apresentadas à «*ilustre associação dos engenheiros civis portugueses*», vemos alguns dos atributos desta peça museológica à guarda no Património Museo-

lógico da Fundação Portuguesa das Comunicações:

«[...]Parece-me haver creado um aparelho absolutamente pratico, hoje que a telephonia por toda a parte parece ainda aguardar, apesar dos importantes trabalhos de que tem sido objecto, uma solução accetivel [...]. Desejando ver se seria possível alcançar até ao Porto, foi para ali feita a experiência com bom resultado em parte; o efeito sendo altamente prejudicado pelo serviço dos outros fios³. [...] Uma outra experiência feita com o



↳ *Telefone de Mesa Electro-Magnético de Bramão. Portugal, 1879. 31x19x24 cm.*

↳ *Telefone/Telégrafo de Parede. F. Van Rysselberghe. Bélgica, 1884 (ca.). 125x35x23 cm.*

Barreiro e Setúbal, o aparelho achando-se já muito melhorado na parte relativa á articulação, foi plenamente satisfatória [...] a voz chegava intensa a ponto de se fazer ouvir de todos os circunstantes, que eram muitos tanto de um como de outro lado.»⁴

As segundas experiências

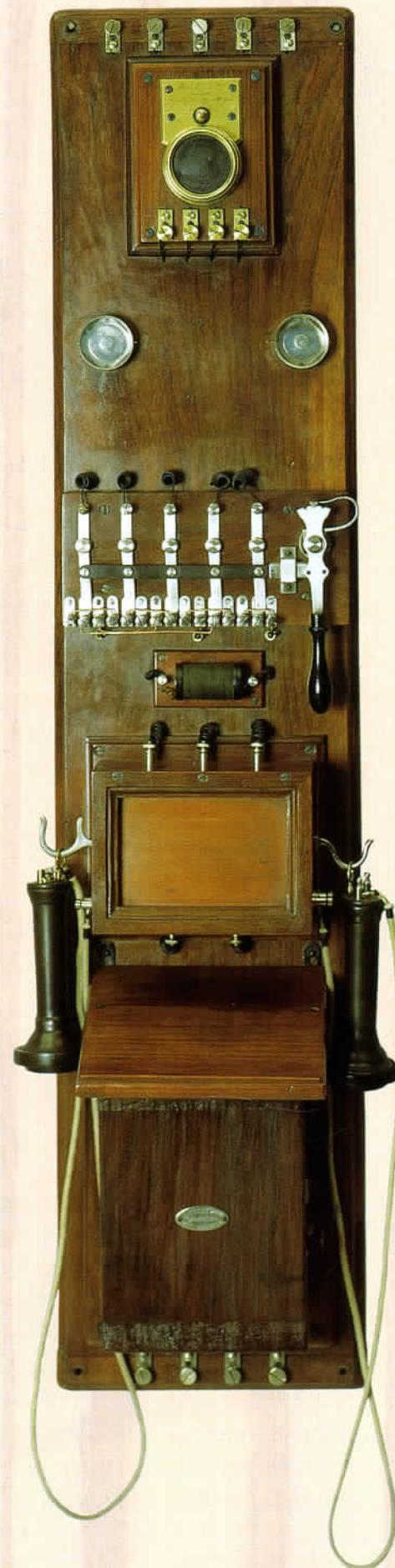
A segunda fase de experiências visava a introdução efectiva da telefonia de Lisboa para o Porto. Tendo em conta a documentação chegada até nós, foi feita em 1888/1889. Tratou-se de uma experiência perfeitamente organizada, na esperança de conseguir o aproveitamento da telefonia sobre o traçado de linhas telegráficas. Para o efeito, foram adquiridos os sistemas mistos de telegrafia e telefonia de Van Rysselberghe. O sistema integrado de *Rysselberghe*, se bem que extremamente interessante do ponto de vista científico, e hoje museológico, não conseguiu um futuro regular e duradouro, fez porém parte de um processo de desenvolvimento.

«A linha foi collocada, e nós mesmo que isto estamos escrevendo, tivemos ocasião de fallar por ella para o Porto, communicando directamente de uma sala do Instituto Industrial com o edificio da estação telegraphica

da praça da Batalha. As vozes distinguiam-se tão nitidamente como se a distancia fosse apenas a que há ordinariamente entre duas linhas telephonicas n'uma mesma cidade.»⁵ Dadas as alegadas facilidades de comunicação pelo sistema *Rysselberghe* e com economia de meios, porque motivo não foi o mesmo implementado em 1888/1889 entre as cidades de Lisboa e Porto, antecipando em 16 anos a telefonia a longa distância? A resposta, podemos encontrá-la, senão no todo, pelo menos em parte, na explanação do mesmo artigo (*in Novidades*, 13 Julho 1893):

«Por vezes, porém, a percepção auditiva diminuia e tornava-se confusa. Este inconveniente resultava, exclusivamente, da má collocação da linha. Tinham-se servido dos postes onde estavam assentes os fios telegraphicos, de maneira que umas vezes, porque a linha telephonica tocava n'estes, outras porque não estava sufficientemente defendida das arvores proximas, que a fustigavam com os ramos impellidos pelo vento, succedia haver uma inducção, e desvio de corrente, que prejudicava a clareza do som transmitido.»

Deste modo, a telefonia interurbana foi protelada e as duas redes telefónicas públicas já existentes, desde 1882 em Lisboa e no Porto, continuaram incomunicáveis entre si.



Telefone de Mesa Ericsson AC 110. Suécia, 1892. 30x25x14 cm. ↘

*Conselheiro e Inspector-Geral dos Telégrafos - Paulo Benjamim Cabral (1853-1911).
Benjamim Cabral foi uma figura de relevo na coordenação das experiências, estudos e instalação da linha de Lisboa ao Porto. ↙*

necessidade, transmitindo a mensagem de que comunicar pelo telefone era chique, lúdico, prático e económico.

As mudanças nos usos e costumes e o interesse pela ciência e técnica, arte e desportos, através da utilização do telefone, fonógrafo, automóvel, introdução das práticas de fotografia e futebol, são exemplo desta aurora de modernidade. E é neste contexto de mudança que surge a abertura ao público da linha telefónica inter-regional de Lisboa ao Porto.

Organização e intervenção dos poderes públicos e regulamentação

A linha de Lisboa ao Porto visava também o alargamento a outras cidades do país. Para isso foi criada uma nova entidade pública de comunicações - os CTT - Correios Telégrafos e Telefones:

«O ano de 1901, rico de iniciativas por parte da Direcção Geral dos Correios e Telégrafos, viu começarem-se os estudos para o estabelecimento das redes telefónicas do estado nas cidades de Braga, Coimbra, Porto e Lisboa, e da ligação entre si das quatro cidades. Coube ao

Conselheiro Paulo Benjamim Cabral, Inspector-Geral dos Telégrafos, auxiliado por escolhido grupo de funcionários técnicos seus subordinados, a tarefa de elaborar um plano de trabalhos que, apesar

*dos escassos recursos materiais de que dispunham, se executou no decorrer de menos de três anos».*⁶

Entre os muitos trabalhos a planejar, gerir e instalar uma estrutura de transmissão, foi ainda necessário gerir vários conflitos para permitir o avanço da instalação de postes e equipamento afim. Os poderes - governamental e legislativo, tiveram que intervir: *«É, outrossim, prohibido ás municipalidades e outras corporações administrativas: Intervir, directamente ou indirectamente na exploração das redes telephonicas pertencentes a empresas legalmente estabelecidas».*⁷

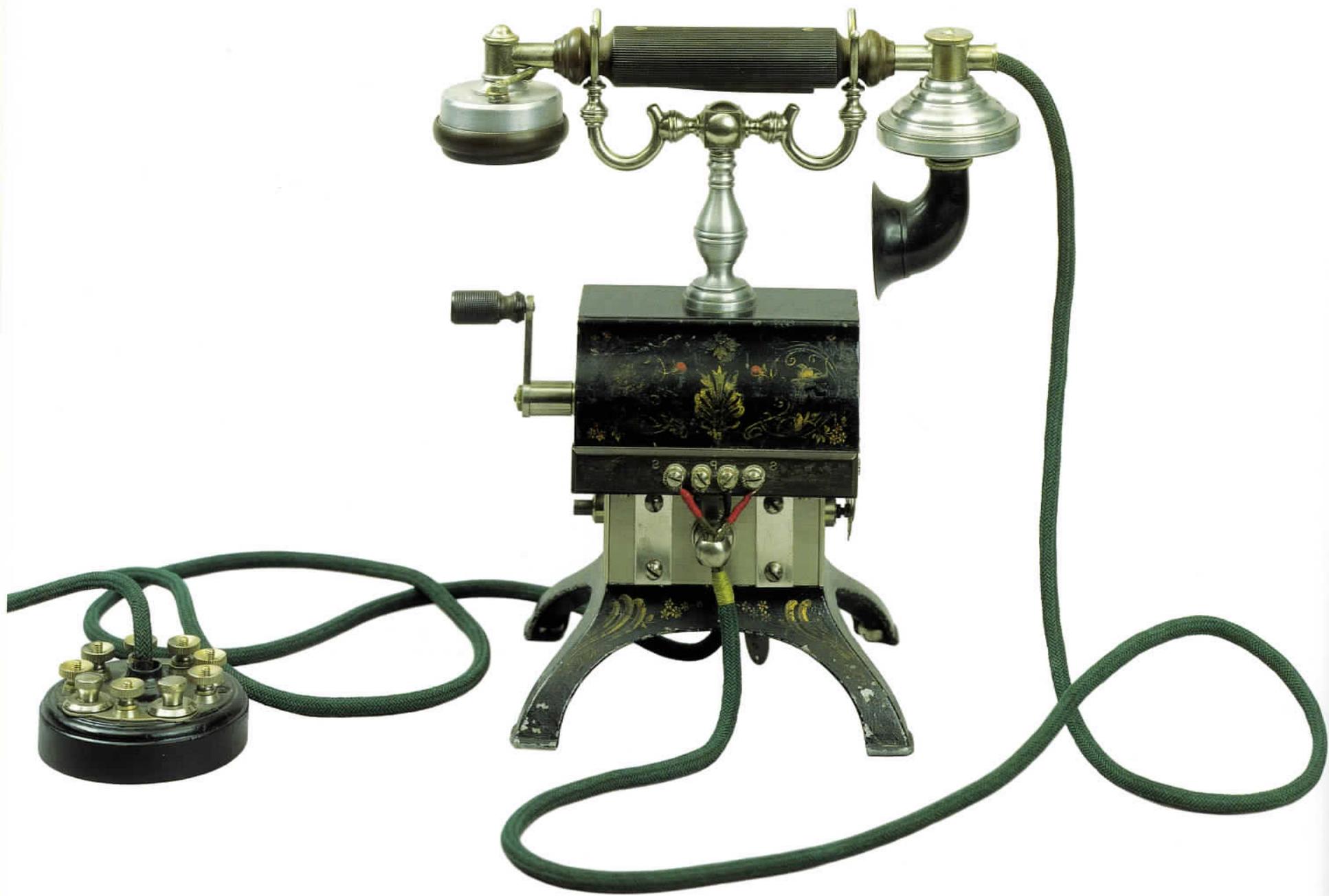
Além da experiência do Telégrafo, foi necessário criar regulamentação que pusesse cobro aos desmandos de alguns representantes do poder local:

*«A pirronice da camara do Porto tem tambem como resultado prejudicar fundamentalmente os subscriptores d'aquella cidade que continuarão a ser mal servidos, como actualmente [...]. Ao que nos consta, o ministerio das obras publicas deu participação das ocorrencias ao ministerio do reino e este mandou informar o respectivo governador civil».*⁸

As dificuldades económicas, alguma instabilidade que prenunciava o fim do regime monárquico e a miséria dos mais desprotegidos desencadearam surtos de roubo. Tudo servia para fazer face às







✂ *Telefone de Mesa Western Electric C°. EUA. 29x26x14,5 cm.*

carências dos «amigos» do alheio. O material de transmissão telefónica não escapou aos olhares e avidez destes «amigos». O corpo policial teve de intervir:

*«Conseguiram aquelles agentes saber que o roubo foi praticado por tres individuos, que ao cair da tarde d'um dos ultimos dias do mês passado foram vistos a enrolar o fio e a escondel-o sob um varino. Mas a pessoa que isto vio não quis approximar-se dos larapios com receio d'alguma agressão. [...] Houve denuncia de que um negociante de ferro velho, residente em Albergaria-a-Velha tinha comprado grande porção de arame de bronze que devia fazer parte do roubo».*⁹

Face à situação de furtos, avarias e manutenção, criam-se regulamentos e legislação:

*«O governo fez com a Companhia dos Telephones um contracto, que levou ás camaras, e foi convertido em lei, do qual resulta os serviços telephonicos em Portugal serem montados por maneira a excederem, pelo aproveitamento dos mais modernos aparelhos, até os que se encontram nas redes das principaes cidades da Europa. Estabeleceo n'essa lei, que tudo isso seria fiscalizado e aprovado pela reparição dos telegraphos e industrias electricas».*¹⁰

«O estabelecimento das linhas de ligação entre as estações terminaes do Estado, em Lisboa e Porto, e as respectivas estações centraes telephonicas da companhia [The Anglo Portuguese Telephone Company] fica ao cargo do Governo.

*A companhia tem por seu lado obrigação não só de estabelecer nestas ultimas estações centraes os aparelhos de ligação com as linhas dos subscritores, como a executar gratuitamente o serviço combinado».*¹¹

Com a transição do século XIX para o XX, a nova estética, impulsionada pela corrente modernista e por outras exigências técnicas e funcionais, motivaram a introdução destes dois telefones de mesa, muito mais práticos do que os modelos de parede.

Ao equipamento novo ou renovado havia que corresponder uma garantia de preservação e manutenção nesta fase de arranque da telefonia a longa distância. O equipamento de exterior, por se encontrar em contacto directo com os elementos da natureza, envolvia vigilância e cuidados especiais.

«O Regulamento do Estabelecimento e Conservação das Linhas e Estações Telegraphicas e Telephonicas do Estado» foi aprovado por decreto de 28 Junho 1902, consagrando 53 artigos aos deveres, funções e ética profissional dos Guarda-Fios. Destacam-se aqui alguns aspectos para a caracterização desta difícil mas muito importante actividade para o exercício de um serviço público - os Guarda-fios percorriam distâncias intermináveis de fios aéreos, por entre serras, vales e localidades:

«Para a vigilancia, policia e reparação das linhas do Estado, serão estas divididas em cantões e sub-secções. Esta divisão será feita pela Direcção Geral dos Correios e Telegraphos [...]. Cada chefe de guarda-fios terá a seu cargo um certo numero de sub-secções, devendo haver, pelo menos, um chefe em cada districto administrativo [...] (Art. 31º).

A autoridade que era exigida aos Mecânicos/Guarda-fios envolvia: um perfil com aprumo, disciplina, isenção de funções duplas e dúbias na vida quotidiana da esfera privada e pública; e ainda o conhecimento bastante de instrução escolar para se fazerem respeitar e terem as noções técnicas e gerais atinentes às responsabilidades. A criteriosa selecção para a profissão de Mecânicos/Guarda-Fios passava pelo Regulamento citado.

«Os cabos de guarda-fios serão escolhidos entre os guarda-fios que saibam ler e escrever e se tenham distinguido pelo seu zelo, bom comportamento e aptidão [...]. Aos guardas e cabos de guarda-fios não é permitido ter estabelecimento de venda no seu cantão ou secção [...]» (Art. 34º).

Grupo de Mecânicos - Guarda-Fios. Início do Séc. XX. ↵

«Os guarda-fios qualquer que seja a sua categoria, antes de entrarem ao serviço, devem apresentar as suas nomeações aos juizes de direito das comarcas onde servirem, que lhes deferirão juramento de bem e fielmente cumprirem os deveres dos seus cargos [...] (Art. 36º). Depois dos grandes temporaes, ventanias e nevadas, os guardas percorrerão e visitarão cuidadosamente os seus cantões em ronda extraordinaria [...]. Durante as nevadas os guardas sacudirão os fios para que a accumulção da neve não possa produzir roptura (Art. 47º). Quando sejam feitas avarias ás linhas do estado, quer por malevolência reconhecida, quer por inadvertência, os guardas empregarão todos os esforços para conhecer quem é o responsável por estes factos, lavrando o respectivo auto de noticia (Art. 61º).»



«[...] O serviço da estação central diurno e nocturno, por esta forma podem a qualquer hora communicar os subscriptores entre si e com theatros, hoteis, postos-medicos, caminhos de ferro, companhias de carruagens, hospitaes, policia, bombeiros municipaes e voluntarios, etc. [...]».¹²

A primeira chamada documentada sobre os postes e fios telefónicos que vimos descrevendo teve início no Porto:

«[...] Não havendo a menor dificuldade nem embarção na emissão do som, e dando as experiências o melhor resultado [...]» foi efectuada uma ligação entre um assinante de referência - o *Jornal de Noticias*, telefone N.º 314 da rede do Porto, com a estação telefónica central de Lisboa.¹³

Esta comunicação foi rea-

lizada no dia 24 de Fevereiro de 1904, preparando e antecipando, em quase dois meses, a inauguração oficial, que ocorreu no dia 11 de Abril do mesmo ano.

Assim se concluiu - depois de tantos estudos, ensaios, legislação, processos judiciais, muito trabalho no terreno e uma pertinácia inabalável dos nossos técnicos - a linha telefónica entre a capital e a Cidade Invicta.

Lisboa e Porto entre os dedos

Lisboa e Porto passam a contar com mais um meio de telecomunicação, usando a voz. O telégrafo eléctrico começa a ceder terreno, perante um meio de comunicação mais amigável que permite comunicar directamente, de uma cabina telefónica ou das próprias casas, de forma prática e rápida:

- ¹ Regulamento do Serviço da Linha Telephonica, Art. 25^o e 27^o, 10 de Março de 1904).
- ² Chapéu alto às riscas largas e coloridas, no cavalheiro; grande e sobrepujado com um enorme ramo de flores, usado pela dama.
- ³ O texto não refere, mas trata-se de fios e postes dedicados ao tráfego telegráfico.
- ⁴ Revista de Obras Publicas e Minas, 1879.
- ⁵ Novidades, 13 Julho 1893.
- ⁶ Ferreira, 1955, p. 44.
- ⁷ Art. 21^o, Dec. Lei, 24 Dezembro 1901.
- ⁸ Novidades, 8 Abril 1904.
- ⁹ O Primeiro de Janeiro, 13 Abril 1904.
- ¹⁰ Novidades, 8 Abril 1904.
- ¹¹ Regulamento, Art. 2^o; Decreto 10 Março 1904.
- ¹² Novidades, 6 Abril 1904.
- ¹³ Jornal de Notícias, 24 Fevereiro 1904 e 25 Fevereiro 2004.

Decreto-Lei de 24 Dezembro 1901.

Regulamento do Estabelecimento e Conservação das Linhas e Estações Telegraphicas e Telephonicas do Estado. Aprovado por Decreto de 28 de Junho de 1902/Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria. Inspeção Geral dos Telegraphos e Industrias Electricas. Lisboa: Imprensa Nacional, 1902.

Regulamento do Serviço da Linha Telephonica de Lisboa ao Porto. Aprovado por Decreto de 10 de Março de 1904/Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria. Inspeção Geral dos Telegraphos e Industrias Eléctricas. Lisboa: Imprensa Nacional, 1904.

Regulamento do Serviço das Redes Telephonicas do Estado. Aprovado por Decreto de 17 de Dezembro de 1904/Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria. Inspeção Geral dos Telegraphos e Industrias Electricas. Lisboa: Imprensa Nacional, 1904.

- O Comércio do Porto, Abril 1904
- Diário de Notícias, Abril 1904
- Jornal de Notícias, Fevereiro e Abril 1904
- Novidades, Julho de 1893 e Abril de 1904
- O Primeiro de Janeiro, Abril 1904
- O Século, Março e Abril 1904
- Revista de Obras Públicas e Minas, 1879

- BARROS, Guilhermino Augusto de; FERREIRA, Godofredo. *Memória Histórica Acerca da Telegrafia Eléctrica em Portugal*, 2^a ed. ampliada com notas gravuras e retratos. Lisboa: CTT, 1943
- CTT - Museu dos Correios e Telecomunicações de Portugal. *Algumas Datas para a História do Telefone em Portugal*. Lisboa: Trama. Artes Gráficas, 1976
- CTT / TLP. *Bramão e Outros Inventores Portugueses no Museu dos CTT/TLP: Exposição Comemorativa do 1^o Centenário do Telefone Bramão 1879-1979*. Lisboa: Edição dos CTT/TLP; Nova Lisboa Gráfica, Ld^a, 1979
- FPC. *100 Anos de Telefone (1876-1976)*. Lisboa: Estar Editora, Ld^a, 2000
- FERREIRA, Godofredo. *Coisas e Loisas do Correio. Ligeiros Apartamentos Coligidos por Godofredo Ferreira*. Lisboa: CTT, 1955
- GAFF, Jackie; NETTO, Filipe (trad.) *Século XX. Arte 1900-10. Novos Modos de Ver a História da Arte Moderna*. Londres: David West Childrens-s Books, 2000
- GAFF, Jackie; FREIRE, João (trad.) *Século XX. Design. O Nascimento do Modernismo*. Londres: Editora Clare Oliver, 1999
- JANEIRA, Ana Luísa; ANCIÃES, Alfredo et all. *-Quando os Objectos Falam das Telecomunicações-. O Mundo das Colecções dos Nossos Encantos*. Lisboa: CICTSUL UL, 2004
- SANTOS Rogério. *História das Telecomunicações em Portugal 1877-1990. Contributos para a sua Compreensão*. Lisboa: Telefones de Lisboa e Porto, S. A, 1992
- SELECÇÕES R. D. *História dos Grandes Inventos*. Lisboa, 1983
- MEE, Sue; NETTO, Filipe (trad.). *Século XX. Linho e Renda. 1900-20*. Londres: Editora Clare Oliver, 1999
- PARKER, Steve; NETTO, Filipe (trad.). *Século XX. Ciência e tecnologia. 1900-20. Um Mundo em Miniatura*. Londres: Editor James Pickering, 2000
- PARKER, Steve; NETTO, Filipe (trad.). *Século XX. Som e Luz. 1900-20*. Londres: Editor James Pickering, 2002
- SERRÃO, Joel (direcção). *-Regeneração e Regenerador-* in Dicionário de História de Portugal. Porto: Livraria Figueirinhas, 1981